



A DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR SOB O PONTO DE VISTA DA SOCIOLOGIA

SILVA, João Paulo Saraiva (UEPB, joaosaraiva555@gmail.com); SILVA, Francisco Klébio Monteiro da (UEPB, monteiroklebio@gmail.com); PINHEIRO, Danilo Almeida (UEPB, ivrit5770@hotmail.com) ALMEIDA, Érica Antônia Dantas de Andrade (ericaandrade_2009@hotmail.com)

RESUMO: O presente artigo aborda reflexões acerca das principais causas de um dos problemas educacionais mais comuns, a desmotivação escolar. Dentre eles, destacam-se as condições sócio financeira dos educandos, altos índices de reprovação e principalmente, as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula. Para tanto, fundamentamo-nos nas teorias que tratam da motivação e desmotivação escolar e suas causas, tendo como base teórica Bzuneck (2001), Freitas (2009), Guimarães (2001), Souza (2009) e Tapia (2004). Metodologicamente, o trabalho divide-se na apresentação dos problemas citados, bem como algumas reflexões abordadas. Contudo, discutimos os conceitos de motivação e desmotivação escolar e seus diversos fatores, dessa forma, não podemos atribuir os problemas da educação unicamente as escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Desmotivação. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: This article discusses reflections on major cause of the most common educational problems, the school demotivation . Among them , there are the financial, social conditions of the students, records failure rates and especially the pedagogical practices used in the classroom . Therefore , We base ourselves on the theories that deal with motivation and demotivation school and its causes , with the theoretical basis Bzuneck (2001) , Freitas (2009) , Guimarães (2001) , Souza (2009) and Tapia (2004). Methodologically , the work is divided in the presentation of these problems and addressed some reflections . However , we discuss the concepts of motivation and demotivation school and its various factors , therefore, we can not attribute the problems of education schools only .

KEYWORDS : Education. Demotivation . Pedagogical Practices .



INTRODUÇÃO

A educação há muito é uma forma de ascensão pessoal e intelectual. Uma fonte farta de conhecimento e possível de libertação das pessoas. Porém, enfrenta diversos problemas estruturais, pessoais, físicos dentre outros tantos. É preciso repensá-la e refletir sobre as dificuldades que assolam o cotidiano escolar.

Um dos maiores problemas da educação, hoje, é o próprio cotidiano escolar, pois manter o aluno em sala de aula motivado e interagindo não é tarefa simples.

Este trabalho tem, assim, como objetivo central fazer uma reflexão sobre o que são motivação e desmotivação escolar, as causas, as práticas utilizadas em sala de aula, o contexto familiar e social, como também o papel que exerce a escola, os alunos e a família em relação ao processo educativo.

Desse modo, serão abordados aqui alguns dos motivos causadores da desmotivação que os educandos demonstram em sala de aula, os quais acarretam na falta de interação, desinteresse, evasão e fracasso escolar. Buscam-se também reflexões sobre a ascensão social e o sentido da escola enquanto uma das responsáveis pela motivação dos educandos.

Assim sendo, irão se tratar alguns motivos que resultam na desmotivação do alunado: questões de trabalho, retardamento da aprendizagem na idade adequada, organização familiar, alto índice de reprovação, metodologia usada em sala de aula, desinteresse pessoal, segregação escolar, dentre outros tantos motivos propícios ao desinteresse educacional.

A DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR



A educação como forma de ascensão social e educacional

A ascensão enquanto fenômeno social depende de uma série de fatores e circunstâncias externas ao próprio indivíduo ligadas ao contexto histórico. Fatores como a distribuição de renda, segregação racial, origem familiar, capital cultural, o meio social e, principalmente, a educação são responsáveis pela mobilidade social. Quando falamos ou pensamos em mudança e melhoria social logo recorreremos à educação como a solução para a ascensão social, pessoal e profissional ao indivíduo. Dessa forma, a escola passa a assumir a responsabilidade de “formar” cidadãos críticos, sociais e bem formados.

Contudo, em muitos casos a responsabilidade pela formação básica e pessoal de cada indivíduo é atribuída, unicamente, à unidade escolar a qual deveria ser de responsabilidade da família, porém ela se faz falha e ausente. A instituição escolar fica encarregada por toda esta tarefa de receber, “lapidar” e injetar os alunos na sociedade e ao mercado de trabalho. Entretanto, sabe-se que para isso acontecer é necessário um conjunto de ações e habilidades que envolvem escola, família, alunos e a vontade de cada discente. De acordo com Freitas (2009, p.281):

Quando se pensa sobre o que falta para o Brasil deslanchar e se tornar finalmente o “país do futuro”, todos nós brasileiros temos na ponta da língua a resposta: Educação é claro. Afinal, um país que não investe ou investe pouco em suas escolas só por milagre vai conseguir se tornar uma nação rica e desenvolvida. Esse tipo de pensamento é bastante justificável, uma vez que no mundo moderno a forma por excelência de ascensão dos indivíduos na hierarquia social é pelo conhecimento. Portanto, todas as expectativas são postas na educação de boa qualidade para todos.

Sem sombra de dúvidas a educação é um fator primordial ao desenvolvimento de uma nação, porém isso não é uma tarefa fácil, pois muitas vezes a escola é falha na tarefa de oferecer uma educação de qualidade e não excludente. Todavia, sabem-se as



situações pelas quais as escolas da nossa realidade passam: estrutura deficiente, falta de recursos, precariedade no quadro de funcionários qualificados, superlotação nas salas de aula, dentre outros diversos fatores que a faz falhar. Isso afeta drasticamente no seu funcionamento e compromete seriamente a função de promover a cidadania educacional.

Em meio a toda essa precarização escolar permeiam-se as práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes e a (des) motivação dos discentes. Essa (des) motivação acontece, em muitos casos, com o próprio professor o qual muitos estão perto da aposentadoria, outros atuam fora da área e outros nem formação acadêmica possuem.

Contudo, entende-se que profissionais desqualificados e desatualizados não estão aptos a ministrar aula, pois encontrarão o mais diversificado tipo de aluno, com as mais diferentes concepções e ideais prontos ao entrelaçamento com a aula e passível a interessar-se ou não pelo que é oferecido. Isso acarretará na conduta do aluno, pois se o professor é tido como um espelho para o aluno o mesmo deve agir para que o aluno seja o reflexo de aluno ideal.

A motivação x desmotivação: Desafio constante em sala de aula

Envolver-se em algo, muitas vezes, demanda entusiasmo e força de vontade. No processo de ensino aprendizagem isso acontece de forma bastante forte, como nos expõe Bzuneck (2001, p. 09), “a motivação ou motivo seria aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso”. Estar motivado seria o alimento para permanecer e interagir positivamente em sala de aula, de forma que muitas possibilidades, como por exemplo, o que é passado ao aluno e como é passado provocam a motivação ou a desmotivação escolar.

Para Tapia (2004) “o aluno está motivado ou desmotivado em função do



significado que tem para ele o trabalho escolar, ou seja, o seu interesse irá variar de acordo com as condições que esse ambiente oferece”. Desse modo, o papel do professor como mediador do conhecimento em sala de aula é de suma importância, pois o mesmo encarrega-se de dar sentido ao ato de ir, estar e participar da escola. Entretanto, é necessário considerar os fatores sociais e pessoais de cada indivíduo como autoestima, fatores culturais, familiares, econômicos, dentre outros.

Dessa forma, o professor precisa usar metodologias que envolvam os alunos e faça com que ambos produzam e interajam qualitativamente. Atribuir sentido ao ato de estudar é, fundamentalmente, um fator primordial. É muito recorrente ouvir de alunos os seguintes discursos: “para que eu tenho que estudar isso”? “Qual a importância disso”? “como estudar isso”? Seguido de metodologias arcaicas e de conteúdos vazios de significados e descontextualizados essas perguntas, possivelmente, nunca deixarão de existir.

A metodologia utilizada pelo docente, além de dá gosto e motivação ao alunado, deve atribuir significado ao que se está estudando e para que se esteja estudando. Assim, acontecerá o envolvimento dos alunos com a aula e junto a isso o envolvimento que conduz ao sucesso escolar. Ressalta-se que diferentes alunos agem e pensam de diferentes formas, sendo pontos de vista ligados ao sucesso ou ao fracasso educacional. Dessa maneira, como nos mostra Tapia (2004, p.19):

O importante é aprender algo que faça sentido: descobrir, por trás das palavras que se constroem significados conhecidos e experimentar o domínio de uma nova habilidade, encontrar explicação para um problema relativo a um tema que se deseja compreender, etc. a atenção do aluno ou da aluna nesses casos se concentra no domínio da tarefa e na satisfação que sua realização supõe.

A satisfação ou gosto está muito ligado no ato do envolvimento em determinadas ações, no caso, o processo da aquisição da aprendizagem. Isso,



consequentemente, interfere positiva ou negativamente no resultado e na motivação ou não, pois o envolvimento com tarefas, segundo Tapia, traz satisfação.

Se cada aluno é o principal responsável por sua construção sócio educativa, embora sofra influências de seu meio, entende-se que cada um deles tenha metas diferentes, consequentemente, motivações também diferentes. Existem dois aspectos consideráveis para essa motivação, o quantitativo e o qualitativo.

Este primeiro toma-se como “negativo”, almejam-se apenas números, resultados e acontece com estímulos forçados. Já o segundo age de forma “positiva” na efetiva participação satisfatória. Assim sendo, a participação e/ou interação acontecem sem pressões internas ou externas. Segundo Guimarães (2001, p. 37):

Um indivíduo intrinsecamente motivado procura novidade, entretenimento, satisfação da curiosidade, oportunidade para exercitar novas habilidades e obter domínio. Está implícita nesta condição uma orientação pessoal para dominar tarefas desafiadoras, associada ao prazer derivado do próprio processo.

Ou seja, o aluno em efetiva motivação e interação busca o novo, procura sanar as dúvidas, pergunta, responde, enfim, interage com a escola e com os envolvidos. Surge também a necessidade de poder e de estar à frente de tarefas, ações e projetos oferecidos pela instituição de ensino, dessa forma, pode-se tomar essa necessidade como uma real motivação e interesse intrínseco.

O papel da escola: Práticas e ações no ambiente escolar

Indiscutivelmente, o aluno motivado reage e produz positivamente assumindo melhores possibilidades na construção de um futuro educacional e profissional de sucesso. A escola exerce um papel fundamental no interesse do aluno, possibilitando sucesso e fracasso - motivação e desmotivação, sendo ela mesma, em muitos casos, a promissora da desigualdade, segregação e desmotivação dos alunos.



Nos pressupostos de fracasso e sucesso escolar o sociólogo Souza (2009) diz que muitas vezes a escola é a responsável pelo fracasso educacional ou não afeto pelo estudo, apontando-a como um fator de desmotivação, a qual comete a chamada “violência simbólica” da má fé institucional:

A crueldade da má-fé institucional está em garantir a permanência da ralé na escola, sem isso significar, contudo, sua inclusão efetiva no mundo escolar, pois sua condição social e a própria instituição impedem a construção de uma relação afetiva positiva com o conhecimento.

A chamada “ralé” brasileira, uma teoria forte, exagerada, porém real, apresentada por Jessé Souza diz que a “ralé” seria constituída de pessoas enquadradas nas condições mais baixas socialmente, pessoas humildes e desqualificadas quanto à instrução profissional e educacional. Esses indivíduos estariam inseridos em sala de aula, mas não estariam efetivamente inclusos no processo interativo.

Essas pessoas, conseqüentemente, dispunham da educação da “ralé”, a qual seria a escola não sucedida, localizada, geograficamente, em regiões pobres, com profissionais despreparados e transmissores de práticas pedagógicas “violentas” simbolicamente e tradicionalistas: atos de preconceitos, humilhações e segregações com alunos tidos como indisciplinados, “sem jeito” e com dificuldades.

De acordo com Freitas (2009) A má fé institucional aplicada pelo Estado, pela escola e pelos professores seria o ato de estigmatização com os alunos. Os mesmos a sofrem diariamente em sala de aula com separações e divisões entre alunos do tipo: os mais inteligentes e os menos inteligentes, comparações árduas e preconceituosas.

Entretanto, mesmo com essas separações os alunos estigmatizados permanecem em sala de aula, sendo excluídos e só prosseguem nos estudos, na maioria dos casos, por meio da aprovação automática, tornando-se assim alunos desmotivados, posteriormente, desistentes e evadidos da escola. Nesse sentido a instituição escolar



seria uma das responsáveis por promover a desmotivação dos alunos e criar tabus ligados ao medo da escola.

A desmotivação, em contra ponto a motivação, de acordo com o Dicionário Houaiss seria: “Classe gramatical: adjetivo Particípio do verbo desmotivar. Separação das sílabas: des-mo-ti-va-do. Adj. Sem motivo ou justificação; infundado. Que não tem motivação ou estímulo; desanimado”. O dicionário Aurélio define desmotivado da seguinte forma: “1 Que se desmotivou. 2 Que não tem motivação. 3 Sem motivo”.

Referindo-se a educação, o aluno desmotivado é aquele não encontra na escola estímulo para estudar, ou seja, não vê na educação motivos para desenvolver-se enquanto ser social, que por algum fator desmotivou-se e não possui vínculo afetivo e significativo com a escola e com o ato de estudar. Diante do exposto, conclui-se que para a educação acontecer com sucesso necessita-se que a escola, o professor, a família e o aluno trabalhem em conjunto, pois assim existirá a possibilidade de haver uma educação de maior qualidade, justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de reflexões e comparações com as observações e a teoria, discutiu-se os conceitos de motivação -- desmotivação escolar e pode-se constatar uma preocupante desmotivação nos alunos, pois os mesmos quando estão em sala de aula fazem-se ausentes no processo de interação.

Muitas são as causas desse desinteresse que se faz tanto pessoal como institucional: desorganização familiar, o meio social e baixas condições financeiras, a forma como a instituição escolar trata seus alunos, os profissionais e suas metodologias, como também a falta de interesse pessoal.

Muito se fala na falta de investimentos do governo em educação, mas o



problema maior pode estar nas gestões escolares, secretarias e órgãos de distribuição e organização da coisa pública, pois são claros e diversos os programas de investimento e auxílio na educação que em tese contribuem para o seu desenvolvimento.

Entretanto, atribuir unicamente, a responsabilidade do sucesso ou fracasso educacional a escola, no mínimo, torna-se injusto, pois se observa também um desinteresse pessoal muito grande, o que falta é um impulso motivador e algo que dê prazer ao ato de estudar e buscar, na educação, um futuro promissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALOYSEO. **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do Aluno: Aspectos Introdutórios**. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2001.

DICIONÁRIO eletrônico Aurélio da língua portuguesa. <Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/desmotivado> > Acesso em: 28 de Novembro de 2014.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa.<Disponível em: <http://www.dicio.com.br/desmotivado/> > Acesso em: 28 de Novembro de 2014.

FREITAS, Lorena. **A ralé brasileira: quem é e como vive- A instituição do fracasso**. Belo Horizonte, 2009.

GUIMARÃES, Suel. **Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula**. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TAPIA, Alonso Jesus. **A motivação em sala de aula**: o que é, e como se faz. 6 ed. São



Paulo: Loyola, 1999